

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE E PSICOPATOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA
NA CLÍNICA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

LUÍSA GIORDANI WELTER

**POESIA E PSICANÁLISE:
A CRIANÇA POETIZADA EM MANOEL DE BARROS**

Porto Alegre

2017

LUÍSA GIORDANI WELTER

POESIA E PSICANÁLISE: A CRIANÇA POETIZADA EM MANOEL DE BARROS

Trabalho apresentado como requisito para conclusão do Curso de Especialização Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência, do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu Weinmann

Porto Alegre

2017

UM ABRAÇO PARA MANOEL

Dizem que entre nós
há oceanos e terras com peso de distância.
Talvez. Quem sabe de certezas não é o poeta.

O mundo que é nosso
é sempre tão pequeno e tão infundo
que só cabe em olhar de menino.

Contra essa distância
tu me deste uma sabedora desgeografia
e engravidando palavra africana
tornei-me tão vizinho
que ganhei intimidades
com a barriga do teu chão brasileiro.

E é sempre o mesmo chão,
a mesma poeira nos versos,
a mesma peneira separando os grãos,
a mesma infância nos devolvendo a palavra
a mesma palavra devolvendo a infância.

E assim,
sem lonjura,
na mesma água
riscaremos a palavra
que incendeia a nuvem.

MIA COUTO

RESUMO

Uma escrita escutada. Encontro diluído em palavras, os detalhes carregados de potência. A transposição da subjetividade em letra, fazendo rascunho de um sonho. A frustração e o encontro sempre inacabado com a folha como testemunho de mãos que falam. O fragmento que faz passagem. A proposta deste ensaio vem ao encontro de demarcar e caracterizar o modo como o poeta brasileiro Manoel de Barros retrata a infância em sua linguagem poética, pensada neste escrito através da teoria psicanalítica Freud e Lacan. De que criança trata a poesia de Manoel de Barros? De que forma a poesia dialoga com a psicanálise, a fim de deixar falar o sujeito? Escrever em psicanálise, essa ciência *unheimlich*, convoca a entrega subjetiva e íntima para consigo e referenciais teóricos. Viagem a um canto improvisado de si, habitar os avessos de si, o estrangeiro que nos constitui, chegada a outras cidades, em locomotiva de portas abertas carregadas de afeto, que têm a função de resfriar corpos desconhecidos, aquecer o olhar, teimar com a indiferença da folha em branco e não parar em estações cruzadas, só dar passagem a novos ventos. Assim se faz esse ensaio que inicia... ou vem iniciando.

Palavras-chave: Psicanálise, poesia barrosiana, infância.

ABSTRACT

A writing listened to. Metting dissolve in words, the details loaded of power. The subjectivity transposition in words, making draft of a dream. The frustration and the metting always unfinished with the paper like evidence of speaking hands. The fragments that make a way. The suggestion of this essay come up to delimit and to characterize the way like the brazilian poet Manoel de Barros portray the childhood in his poetry language, thought in this written through the psychoanalytic Freud and Lacan. Of which child is the poetry of Manoel de Barros treated? In what way does poetry dialogue with psychoanalysis, in order to let the subject speak? Writing in psychoanalysis, this science unheimlich, calls for subjective and intimate delivery to yourself and theoretical references. Journey to an improvised corner of his own, dwelling in the aversions of himself, the foreigner who constitutes us, arriving in other cities, in a locomotive of open doors full of affection, which have the function of cooling unknown bodies, warming our eyes, Indifference of the blank sheet and do not stop in cross stations, only give way to new winds. This is the way to do this essay that starts ... or starts.

Keywords: psychoanalysis, barrosian poetry, childhood.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: <i>Afetações em um verbo que pega delírio</i>	07
2 ERA UMA VEZ... E AINDA É ASSIM: <i>poesia, a infância da língua</i>	08
3 A CRIANÇA POETIZADA EM MANOEL DE BARROS	12
4 POR MOTIVOS DE ENFINDAMENTO: <i>conclusão inacabada?</i>	20
5 REFERÊNCIAS	22

1 - INTRODUÇÃO – *Afetações em um verbo que pega delírio*

Uma escrita escutada. Encontro diluído em palavras, os detalhes carregados de potência. A transposição da subjetividade em letra, fazendo rascunho de um sonho. A frustração e o encontro sempre inacabado com a folha como testemunho de mãos que falam. O fragmento que faz passagem.

Este ensaio almeja demarcar o modo como o poeta brasileiro Manoel de Barros retrata a infância em sua linguagem poética, pensada neste escrito através da teoria psicanalítica de Freud e Lacan. De que criança trata a poesia de Manoel de Barros? De que forma a poesia dialoga com a psicanálise, a fim de deixar falar o sujeito?

A poesia de Barros nos obriga a pensar em outros modos de existência. Suas palavras fazem viver gestos poéticos que encantam e (des)entendem até hoje. Na medida em que promove a inversão das posições de sujeito e objeto, a poesia faz a inversão do olhar, cria relações entre as palavras, as coisas e o homem. Numa leitura que convoca o leitor a mover-se numa reflexão sobre si mesmo, suas experiências, e conseqüentemente, o pensar sobre o mundo por meio da valorização da poesia, fura o bloqueio das ideias em ordem, vira música forrada de infância:

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.

(Manoel de Barros, 2010, p. 374)

Nos escombros da palavra, a compreensão da poesia não existe. Entretanto, como diria o poeta, “se escrevo com o corpo, preciso incorporar, porque entender é parede, precisamos ser árvore” (p. 163). Também fala como um tratador de poética disfarçado de poesia, compondo poemas voltados para a infância como tempo/espço idealizado.

Neste caminho trilhado por Manoel de Barros, em uma perspectiva atemporal, arquitetam-se o grandioso e o ínfimo, o passado e o presente, enquanto a figura de ser humano torna-se elemento de ligação entre o céu e a terra, altura e profundidade, os seres do céu e os

seres do chão. O corpo íntimo da poesia barrosiana ecoa no movimento empreendido pelo sujeito na busca do tempo perdido da infância como tempo mítico das origens – do homem, dos seres, do mundo e da linguagem -, movimento este que materializa-se como presença num objeto, o “tratado” (p. 369).

Assim, na visão de Manoel de Barros, as relações que se estabelecem a partir do sujeito – entre o céu e a terra, entre o grandioso e o ínfimo, entre o passado e o presente, e o reino da natureza – são a expressão poética das manifestações do devir da vida humana. As marcas poéticas de Barros, embora singulares, não podem deixar de serem negadas a autores como Fernando Pessoa e Clarice Lispector, aos quais faço referência brevemente para conceituar a posição daquele que escreve poeticamente.

Escrever em psicanálise, essa ciência *unheimlich*, convoca à entrega subjetiva e íntima para consigo e referenciais teóricos. Viagem a um canto improvisado de si, habitar os avessos de si, o estrangeiro que nos constitui, chegada a outras cidades, em locomotiva de portas abertas carregadas de afeto, que têm a função de resfriar corpos desconhecidos, aquecer o olhar, teimar com a indiferença da folha em branco e não parar em estações cruzadas, só dar passagem a novos ventos. Assim se faz esse ensaio que inicia... ou vem iniciando.

2 - ERA UMA VEZ... E AINDA É ASSIM: *poesia, a infância da língua.*

*Ele era um menino valente e caprino
Um pequeno infante, sadio e grimpante
Anos tinha dez, e asas nos pés
Com chumbo e bodoque [...], seu corpo moreno
Vivia correndo, pulava no escuro
Não importa que muro[...], saltava de anjo
Melhor que marmanjo, e dava o mergulho sem fazer barulho.
No fundo do mar, sabia encontrar estrelas, ouriços e até deixa-dissos.
Às vezes nadava, um mundo de água. E não era menino, por nada mofino
Sendo que uma vez, embolou com três. Sua coleção de achados do chão
Abundava em conchas, botões, coisas tronchas, seixos, caramujos [...]
Amava era amar. Amava sua ama [...] amava as gurias, amava suas primas, com beijos e rimas
Amava suas tias, de peles macias [...]
Amava as artistas, por isso fazia seu grão de poesia
E achava bonita a palavra escrita
Por isso sofria de melancolia
Sonhando o poeta que quem sabe um dia poderia ser.
(Vinicius de Moraes, 1958)¹*

¹ A primeira versão de O poeta aprendiz foi escrita por Vinicius de Moraes em 1958, em Montevidéu, e incluída no livro Para viver um grande amor, de 1962. Anos depois, o poema viraria canção, na parceria com Toquinho. Agora, volta num livro-disco idealizado por Adriana Calcanhotto, que interpreta a música e assina as ilustrações. A música citada acima, de Vinicius de Moraes, foi modificada pela autora deste trabalho. A intenção é transmitir a ideia de uma criança que se faz poeta/poesia.

O ímpeto de escrever mobiliza quase todos aqueles que transitam pela psicanálise, a necessidade imperiosa de organizar e compartilhar seus achados, de criar a partir de experiências vivenciadas. Descobrir/inventar enredos, contextos e significados, pôr ordem no caos, avançar ideias: eis a base dos processos mentais, do trabalho onírico, da produção psicanalítica teórico-clínico e da arte literária. Psicanalistas e escritores bebem na mesma fonte, ocupam-se de questões humanas, embora cada um com seu próprio método. Dessa forma Freud (1908/1996) pensa o poeta como aquele que procede de forma diversa, dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria mente, expressando-se através da arte. A manifestação da inteligência sublimada incorpora a criação.

Os anseios e as inquietudes são tantos nesse primeiro momento, restando a sensação de que nada se alinha. Início de fininho que é pra não deixar o pensamento escapar, fluo em criança, desalinho e volto a emaranhar. Lá no fundo, contorço confusões desentendidas, o adulto me invade: guarida.

Transcrevo o transbordamento de chuva, regando o corpo a ventos. Tem dias em que me misturo, na rua, entre um pingo e outro, também chovo. Ou, feito nuvem, (pre)tendo à leveza, que está pesada de desaguar. Poder sentir que as incertezas fazem parte de uma vida que pulsa, remenda travessuras do brincar. Existe certo aprofundamento possível através da interlocução da criança com a poesia, onde ambas mergulham no desfecho poético da língua falada, o que significa dizer que a poesia é a infância da língua, poesia é metáfora, narrativa, prosódia, trepidação.

Uma mancha que borra o que enxerga a sua volta. Imprime nas coisas, nos outros, nas experiências, as digitais de seu próprio corpo estranho e marginal. No solstício de um divã desenhado em folha em branco neutra e invisível, arquiteta sua prosa com introspecção e neutralidade desconcertantes. Ao desfilar memórias mais íntimas numa linguagem que às vezes soa como um confesso testemunho de um corpo que faz sua existência pertencer ao mundo de forma irregular e palpitante, com a qual se tenta a reconciliação constante.

Um encaminhar-se da reinclusão narrativa do sujeito. Numa trépida prática irrecuperável de contaminação escrita, tilintando a tonalidade imponente de objeto que eu, em criança, distingi com descrença em meio à confusão. A transcrição original mantém marcações acentuadas através do desfecho. A sobriedade, sórdida de compadecimento, converge, emoldura, risca de singular. O que se encontra em Manoel de Barros é a criação de imagens literárias com a palavra, o retratar-se da criança da imaginação, a ficção do discurso narrativo

escoando na condição subjetiva de ser humano, contornando marcas lapidadas através da artesanaria da palavra, como um estrangeiro buscando abrigo dentro de si mesmo.

Convexo transbordamento da mínima diferença a qual se inscreve a partir de um ato de linguagem, faz marcas que protagonizam dimensões de alteridade, nessa condição o sujeito humano é capaz de narrar a si mesmo e ao seu corpo. Artesão da palavra, aquele que se arrisca a escrever pelos vieses psicanalíticos, fraciona tempos, extirpando o ato criativo como refúgio na solidão. Por essas estrofes, Renata Lisbôa (2017) contorna a poesia, a infância, arcaísmos nossos, o brincar, a criatividade, como um analgésico para tempos que doem.

Escrever é ato doloroso, cortante por objetividade, é abrir-se ao encontro com o outro, é mediar o que se passa entre o dentro e o fora. Como dizer o que será minha escrita se ela nasce exatamente no imprevisto, no que me toca, torce, amassa, bate, acaricia e captura. Gosto quando me perco, me inscrevo, transcrevo, viro texto, encontro o contexto. Entro, me entrego, nessa íntegra entrega. Meto metáforas, metas e foras, saio de dentro, me desenho na folha, espelho, imagem-texto. E a eterna sensação de nunca caber por inteira dentro da margem.

O poeta Fernando Pessoa (2006) sublinha o bordar das “intensações” de viver, o crochê das coisas, intervalo, nada. Escrever é verbo cortante por desmerecer o real daquilo que se pretende. O que escrevo não é o que desejo, e o que desejo não é o que desejo, e o que não desejo não é tão indesejável assim. E o que não escrevo e não descrevo, isso sim é o que quero dizer. Em *Carta a um jovem poeta*, Rilke (2009) nos auxilia a pensar a posição do escritor criativo:

Ninguém o pode aconselhar ou ajudar – ninguém. Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? Isto acima de tudo: pergunte a si mesmo na hora mais tranquila de sua noite: ‘Sou forçado a escrever?’ Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa, se puder contestar aquela pergunta severa por um forte e simples ‘sou’, então construa sua vida de acordo com esta necessidade. (p. 9)

Conforme Fernando Pessoa (2006), se escrevo o que sinto, é para assim diminuir a febre de sentir. Pedi tão pouco à vida e a mesma do pouco me retribuiu. Réstias de sonho, flor de monturo, criação emergida do vazio. Na obra *Escritores criativos e devaneios*, Freud escreve que nem a poesia dará conta de tudo o que a palavra nomeia, pois não cabe na palavra toda a dimensão do desejo. Quem sabe oferecer alguma pista visual e discreta, que pode, antecipadamente, ajudar a esclarecer aspectos da saudade de nosso mundo familiar, onde deixamos os mais caros afetos?

Como preencher a condição humana com palavras? Na ordem de um discurso, estamos o tempo todo regando as palavras para que elas não se tornem esquivas, corram o risco de secar na distorção de sentidos. Trajeto de (des)encontro sempre por faltar. O deslizamento do significante enquanto passeio pela linguagem, narrativa de potência de vida. Lacan (2008) confirma a importância da narrativa “[...] para reencontrar o rastro da experiência acumulada na tradição, das gerações, o aprofundamento linguístico é o veículo mais seguro da transmissão de uma elaboração que marca a realidade psíquica [...]” (p. 58).

Escrevo nas horas mais inoportunas, divago sem saber por onde chegar, faço cócegas na insensatez dos pensamentos, tempo em pausa, possível criar. Transbordo emoções (des)compassadas, palavra-beija a minha guia. Sou flâneur de grandes campos-sem-fim. Perpasso-me tomada de sensações desencontradas, desamparo pela precipitação de ser, uma experiência fundamental da condição humana. Freud (1930/1996) faz do estado de desamparo (*hilflosigkeit*) a condição estrutural primordial do bebê humano, o estado de desamparo infantil originário, demarcado pela imaturidade do infante, o qual se encontra no desamparo da linguagem, e somente um Outro, aquele primeiro cuidador que apresentará ao mundo à criança, poderá significar, erogeneizar o corpo, demarcar o lugar social, interpretar o apelo, fornecendo traços que se inscrevem no corpo do bebê. É em torno dessa experiência inicial que se constitui a posição de sujeito no laço social, o desamparo é rebento da angústia no adulto e condição de mal-estar estrutural. De acordo com Chemama (1995), o discurso organiza o laço social, especifica as relações de sujeito com os significantes e com o objeto.

A tomada de experiência da escrita, o trabalho com a matéria viva e frágil – linguagem, poesia, infância – conserva e vasculha simultaneamente o deslocamento das certezas e posicionamentos, introduzindo a dúvida como resposta para a expansão dos limites da palavra. Assim recita o poeta

O sentido das palavras não faz bem ao poema.
Há que se dar um gosto incasto aos termos.
Haver com eles um relacionamento voluptuoso.
Talvez corrompê-los até a quimera.
Escurecer as relações entre os termos em vez de aclará-los.
Não existir mais rei nem regências.
Uma certa liberdade com a luxúria convém. (Barros, 2010, p. 243)

A linguagem preserva essa relação do brincar infantil com a criação poética. Acalenta o que parece ser renúncia da fantasia no adulto, possibilitando-o construir sonhos, castelos, poesia através do devaneio. A produção escrita como sinfonia porosa, transpira a delicadeza do viver. A poesia incessantemente busca dar contorno ao vazio, como um corpo que tem um deserto,

tem um olho de água por perto, fortalecendo a noção de que a palavra não se inscreve em qualquer lugar, é no corpo que ela toma forma, dimensões e sentidos. “Como infância do homem, a experiência é a simples diferença entre humano e linguístico. Que o homem não seja sempre já falante, que ele tenha sido e seja ainda infante, isto é a base da experiência.” (Agamben, 2005, p. 20)

3 - A CRIANÇA POETIZADA EM MANOEL DE BARROS

No cenário do que pode ser conhecido e do eterno desconhecido, na efetivação da tessitura do pensamento, na autoria de percorrer diferentes caminhos e escrever sobre o seu ofício, na contínua busca de apropriação e reapropriação dos múltiplos sentidos suscitados ao tocar simbolicamente um paciente em análise, tal como quando somos tocados por aquilo que nos faz semblante na poesia. Cada criança tem experiência em criar novas palavras pela experimentação da língua no processo de aquisição, faço menção para aquilo que em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud (1905/1996) propõe como sendo característico das tiradas, quando em seu livro, se debruça sobre a satisfação que resulta do chiste. Para as crianças o ato de aprendizagem da língua, bem como o brincar fracionam o jogo com a letra, dispensa de início a terceira pessoa, necessária para dar sentido ao chiste, sendo o jogo com a letra, abandonado à medida que o infante faz sua gradual entrada na cultura.

Esse processo é aflorado na capacidade de fantasiar das crianças investida através do brincar infantil. Para Marco Antonio Coutinho Jorge (2010) “tal como os sintomas, os jogos de palavras, seus equívocos e ambiguidades contornam representações intermediárias entre consciente e inconsciente” (p. 41). O ato de escrever está intimamente relacionado à insuficiência com relação ao mergulho na linguagem. “A experiência da infância é vivida pelo adulto diante do inusitado da linguagem quando, ao mergulhar nela, ele se permite sair como menino que caiu dentro do rio, tiburum, e saiu todo molhado de peixe” (Barros, 2010, p. 9).

O brincar infantil e a criação literária conjugam-se na criação de um mundo de fantasia o qual levam a sério e investem emoção, no entanto crianças envolvem a imaginação e a realidade em suas criações, ao passo que o escritor encontra-se separado do mundo da fantasia. O que motiva a possibilidade de fantasiar, na obra freudiana *Escritos criativos e devaneios*, são os desejos insatisfeitos, e toda a fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.

As imagens da infância (Bachelard, 1988) são imagens que uma criança desenvolveu e, para o poeta, essa é a mais pura expressão da singularidade humana em devaneio. São imagens da solidão. Falam da continuidade dos devaneios da grande infância e dos devaneios de um pequeno poeta. Por meio do devaneio, somos invadidos pela liberdade tal como a sonhávamos quando éramos crianças. No tocante ao devaneio, não é o infinito que encontro na poesia, mas a profundidade, num reencontro com a terra natal: “é nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. [...] A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes”. (Bachelard, 2013, p. 9)

Quando o poeta não inventa novas palavras no poema, as desloca, criando novos sentidos. A obra lacaniana *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* tematiza os poetas, que não sabem o que dizem, sempre dizem as coisas antes dos outros, debruçando-se nessas palavras, a ideia de que o escritor criativo faz menção àquilo que nenhuma ciência teria pensado até então, como uma criança e sua primeira experiência subjetiva.

Os bens do poeta, no entendimento de Manoel de Barros (2010), carregam um fazedor de inutilidades, um trovador de amanhecer, uma teologia do traste, uma folha de assobiar, um alicate cremoso, uma escória de brilhantes, um parafuso de veludo e um lado primaveril. Difícil entender sua poesia, não é mesmo? E Barros (p.162) entra, novamente, com o apelo à sensibilidade pedindo a seu leitor para ter grandeza de sua infinita despovoação, a fim de conseguir abandonar seu lugar até então frequentado por compromisso ou hábito. Diverge com a palavra

*A gente é cria de frases!
Escrever é cheio de casca e de pérola.
Ai desde gema sou borra.
Alegria é apanhar caracóis nas paredes bichadas!
Coisa que não faz nome para explicar.
Como a luz que vegeta na roupa do pássaro.*
(Barros, 2010, p.177)

E nos faz um questionamento:

*Você sabe o que faz pra virar poesia João?
A gente é preciso de ser traste.
Poesia é a loucura das palavras. [...]
A gente é rascunho de pássaro
Não acabaram de fazer.*
(Barros, 2010, p.152-153)

Ao enveredar por caminhos diferentes do que lhe valeu maior consagração, o sujeito recolhe fragmentos deixados pelo caminho em sua subjetivação. Somos o que temos enquanto esse ter é algo desprovido de sentido. É fora do sentido. *Non sense* que constitui nossa condição de encontro. Condição de redução do ser ao *fallasser (parlêtre)*, que nos coloca diante da inescapável posição feminina; condição de orfandade no discurso, no qual o semelhante, o Tu que autentica a singularidade do gesto único e mínimo, adquire toda a sua relevância. (Poli, 2009)

Aceitar o encontro com uma criança, que instaura em torno de si um vazio, a criança como potência afirmativa, a criança que nos convoca. Uma atitude de olhá-la através das lentes do não-saber. Sustentação da amargura de perder-se para se encontrar. Para ouvir, basta abrir os poros, fazer circular os significantes que são semeados pelo outro, esse Outro que, na transmissão do narcisismo à criança, permite fazer circular a palavra. É através dessa transmissão que é possível a sustentação do desamparo estrutural, pelo uso do simbólico, que esse Outro aponta um horizonte de reflexão, lava caminhos que configuram ao sujeito em constituição um constante vir-a-ser.

O ato de ver implica uma cisão que conjuga um ganho e uma perda, olhamos e somos olhados. Assim como tudo o que sabemos é uma impressão nossa, também tudo o que somos é uma impressão alheia. No processo de levar a palavra ao que era imagem

[...] dos processos inconscientes que nos oferecem o conteúdo emocional de nossa escrita, fazemos a transposição para um curso consciente e que nos fornece todo o instrumento necessário para a elaboração de um trabalho, tal como na elaboração onírica. Assim, percebemos que, na mesma linha do sonho, do ato falho e do sintoma, a escrita é um dos destinos possíveis da pulsão. (Meira, 2016, p. 211)

Tanto a psicanálise quanto a poesia procuram dar contorno ao indizível, ao objeto perdido desde sempre. Essa transmissão engendradora da constituição subjetiva só é possível quando esse outro, cuidador, objeto de amor primordial, não é completo. Assim, a alienação (Lacan, 1964/2008) se estabelece nessa dança narcísica que o cuidador investe no seu bebê. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino, tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas - volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (Clarice Lispector, 1964)

A mãe, segundo Winnicott (1975), ao sair do estado de preocupação primária ocasiona o surgimento de um descompasso das necessidades do bebê e o atendimento dessas por parte

do meio ambiente. Na existência de algo que saiu fora do ritmo, um entre – hiância, em Lacan (1985) – permeia o que fenece e o que vive. Um mundo que já foi e um mundo que se anuncia. O mundo que já foi ainda marca sua presença carregando sua própria incompletude, o desejo entrementes. O desaprender de quem dança para o alçar de quem manca, jogo do descompasso mediado pelo amor, marcando no campo humano a existência, em sua estrutura, de um espaço vazio, de falha, por onde a relação de vida e morte se articula.

Há o desconforto, como demarca Freud (1930/1996), o caráter de mal-estar que demarca o ser humano desde o início de sua existência, quando o mundo o recebe, sofre repressão para se adaptar ao social. Uma tensão que também é paixão, impulsos, instintos, pulsões. Nessa corda bamba de vir-a-ser, o infans, o ainda não falante, transforma-se e cria um novo mundo. A criança, ao longo de seus processos de subjetivação, inscreve-se gradativamente no código da língua e em seus efeitos de sentido, através dos jogos metafóricos e metonímicos. O Outro é que lhe oferece o tesouro significante. É preciso oferecer o brilho das palavras, como quem cata pedrinhas no trilho do trem.

O desamparo, fundamental a todo processo que a criança sofre de interrupções pelo caminho de vir à luz, é pela força de cortes, pontos e suturas que a vivência se constitui em experiência, ganha corpo, nome e desenvolvimento subjetivo. Sujeito (des)construção, sujeito cindido consciente/inconsciente, são traçados por Freud e Lacan em atravessamentos que trilham o mesmo espaço. Sujeito efeito de um perfuramento, significações, falácia, olhar do outro. O prefixo “des” será sempre o entre enquanto espaço de falta que conjuga o que opera como catalizador entre dois tempos, viver e morrer.

O poeta nos põe em presença de uma lembrança de estado. Em nós, ainda em nós, a infância é um estado de alma. Encontro com o vazio, com a falta que antecede a criação, Maria Rita Kehl (2009) pontua um nada pra fazer povoado de fantasia. As palavras, para a criança, são como uma caverna a ser explorada. Ela joga com as palavras, destinando-as à sua dominação, não apenas usando-as como meio de comunicação.

Manoel de Barros, poeta brasileiro, carrega *água na peneira* desde sua infância, capaz de brincar com as palavras através da poesia, faz menção no *descomeço* à soberania das palavras para o ser humano, inundado de linguagem, castração e realidade, como escreve de forma elucidativa e simples Celso Gutfreind (2014). É através das palavras que se tecem histórias, narram-se fatos e sobressaltam-se hesitações, tropeços, ritmos e inflexões próprios da enunciação – da linguagem.

Fui afetada pela poesia de Barros, ela de certa forma me alegra, alimenta minha alma e provoca a criação. Não se curva, não é linear, inventa mundos, deixa rastros de incompletude. Cartografia do espaço da *desutilidade*, do que míngua pelas frestas e rasteja no chão de territórios inexplorados e inalcançáveis, a linguagem ‘manoelês’ carrega uma infinidade de traços a percorrer.

Por meio do afetamento com a poesia barrosiana fui acentuando o ato da escrita, deslocando litorais da infância, para várias infâncias possíveis. Algumas modificadas com o tempo, preservadas na memória, roubadas em cada esquina, uma infância que se perdeu em livros, narrativas, em protagonizações do ser, talvez roubada por cada um de nós diariamente em nossas falas e análises mal resolvidas.

A implicação da escrita sobre a criança na poesia de Manoel de Barros, conduzida pela psicanálise, foi e será sempre a costura incompleta da palavra, corpo de ser humano. Eternos angustiados em nossa relação com o mundo, prolongados pelo discurso, desejosos insaciáveis, desde o início de nosso viver, causamos pelo amor e pela dor, tudo o que queremos é falar o sujeito, o inconsciente, mas acima de tudo reconhecemos que análise e vida são a mesma relação infinita que sempre termina falando de amor.

Nas proximidades desses termos, a poesia, como toque de criança principiante, trança palavras com pernas cambaleantes. Rega flores no impossível, faz mirar no absurdo, usa sonhos circunscritos pelo amor, guarda em caixas lapidadas de segredo, a desenvoltura da palavra bifurcada.

Tentativa de mapeamento estampado de incertezas de origem, estende belezas em pretérito imperfeito; poesia é qualquer *(des)geografia* aproximada a despropósitos. Reminiscente, atravessa os fusos, os oceanos e a diferença cultural, porque poesia é sempre poesia. Jorro turbilhante e ininterrupto de linguagem enquanto exercício e instrumento possível de atingir um ponto não tocável, um segredo, desenterrar o pior e o melhor de nossa condição humana. Entre vias possíveis está a abertura da arte e da linguagem que se fundem no encontro com o que Bachelard (1988) considera uma solidão primeira, os devaneios devolvendo a condição de sonhador.

Valter Hugo Mãe (2014), em sua obra *A desumanização*, metaforiza com a condição de ser longe: “Quando for grande, quero ser de outra maneira. Quero ser longe. Eu respondia: ninguém é longe. As pessoas são sempre perto de alguma coisa e perto delas mesmas. A minha irmã dizia: são. Algumas pessoas são longe. Quando for grande quero ser longe” (p. 22).

No deslizamento poético de Valter Hugo Mãe, venho de longe dividir os pedaços dessa travessia, que faz eu me sentir mais perto, um lugar tão longe que talvez não tenha me ocorrido sonhar em pisar sozinha, um meio de caminho traçado de gratuidade poética, de arte expressada no que não se explica, mas explicita um pouco. Fernando Pessoa (2006) evoca esse sentimento dizendo, “cada vez que viajo, viajo imenso” (p. 289).

Sem receita, mas com princípio, fazer referência ao (des)lugar. Ver nascer a imaginação nas crianças é transitar pela dimensão do sem-nome, fazer referência ao (des)lugar onde se encontra “a imagem poética no seu aprofundamento, através do maravilhamento a que serve as sutilezas da novidade”. (Bachelard, 1988, p. 3)

Manoel brincando com as palavras:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E, pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é voz de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio. (Barros, 2010, p. 276-277).

Nos aproximamos da ideia – a poesia é a infância da língua. O poeta, como a criança, usa as palavras fazendo nascimentos, renovando-as, mas, paradoxalmente, busca encontrar a antiguidade de quando as palavras eram mais próximas às coisas. O verbo escutar não serve para cor, as cores não servem para descrever sabores. As palavras não têm uma representação direta e transparente das coisas, assim como as funções variam nas diferentes línguas. É a língua que fornece uma visão do mundo, nos conta das origens. É o verbo que cria o mito (Hausen, 2014). Jogar com a poesia implica entrar na rede simbólica da linguagem, incluindo os aspectos da história de uma cultura e a escrita de uma sociedade, lugar do Outro.

Assim como Manoel de Barros assumia o não saber fazer descontado nas palavras, tingindo o caminho da poesia a levar a lugar nenhum, pois essa é a maldição dos poetas, escrever nem uma coisa nem outra, a fim de dizer todas, ou, pelo menos, nenhuma, assim, o poeta faz bem. *Desexplicar*, tanto quanto escrever ascende os vagalumes. Poli (2009) refere Freud em sua conhecida e polêmica afirmação – que a arte das mulheres é do tear, na tessitura dos fios que encobrem o vão da falta, a castração.

Aquele que conta lega autoria ao que escuta. É isso que fazem os pais quando são suficientemente narrativos, é por isso que Celso Gutfreind (2014) afirma ser a mãe literatura para o seu bebê. A literatura, forma derramada da poesia, poderia restituir algo do que a vida

havia nos arrancado, a capacidade de fantasiar diante da impossibilidade da completude do ser humano. Poesia e literatura confiam ao sujeito uma festa para a singularidade, diante do encontro fortuito na cadeia significante com a palavra sustentada por uma gramática interior.

Por meio da poética, cria-se um novo senso estético, de organização, em que prioriza-se cores e formas em um novo universo pictórico, conferindo o esvaziamento do sentido literal da palavra para potencializar outras percepções. A imaginação inventa mais que coisas e dramas, inventa vida nova, inventa mente nova, abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios. “Essa adesão ao invisível, eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino mais íntimo. [...] A verdadeira poesia é uma função do despertar (Bachelard, 2013, p. 18)”.

A poesia tem uma coisa intrínseca de ser repentina, de pegar de surpresa alguém despercebido, com alguns versos, com poucos ou até quase nenhum, que entrou em algum canto e foi tocado por ela. Como uma digital, esse encontro é único para cada um, ainda que possam haver tantas semelhanças. É pessoal e, por ser assim, é também mutável. Esse é o prazer maior da poesia, a descoberta, a comunhão instantânea, seja pelo breve, ou para uma vida.

A condensação de sentidos está presente na poesia e, ao operar com ela, é possível dar a ver o jogo do traço, da letra e das palavras, no deslizamento do sentido no espaçamento. O brincar de saber fazer com a linguagem propicia uma travessia do encantamento do adulto ao encantamento das crianças, ampliando o seu enlaçamento simbólico. A poesia constrói pontes: do fazer de conta ao saber fazer com a linguagem, do brincar com as coisas ao brincar com o traço, com as letras e com as palavras.

A leitura de mundo das crianças ocorre a partir da subjetividade de cada uma, ou seja, o recorte de mundo e o simbolismo investido a partir da imagem significativa gera uma operação de leitura figurativa. A poesia sendo a infância da língua, em Manoel de Barros, fala desse modo de ler as imagens como se elas descrevessem algo por si mesmas, sem uma diferenciação entre imagens e letras.

Manoel de Barros (2010) vê na linguagem infantil a possibilidade de se fazer outra história. Para ele “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, elas desejam ser olhadas de azul, que nem uma criança que você olha de ave.” (p. 278)

Na linguagem da criança, também se encontram os deslimes da palavra. É com a criança que ele foi um dia que ele aprende a liberdade da poesia. A identificação do poeta com

a infância se sustenta no fato de que para ambos – poeta e criança – é por meio do lastro da linguagem que se amplia o mundo vivido e imaginado.

Se a palavra é matéria-prima de que dispõe o poeta para sua criação, considera que também a criança utiliza linguagem para recriar a realidade:

Carrego meus primórdios num ardor.
Minha voz tem um vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancamento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano. (Barros, 2010, p. 315)

A criança, para Manoel, não é um ser ingênuo, incompetente, mas inquieto, inventivo e transgressor, capaz de criar um mundo inserido no mundo maior, tal como o pensamento de Benjamin (1984) sobre a infância, um pequeno sujeito sempre em descobrimentos, não possui um conceito fechado sobre o assunto, fragmentando por toda sua obra conceitos marginais - porque manifestados de diferentes formas, em ensaios, montagens literárias, resenhas - que permeiam a modernidade, a transmissão narrativa e o brincar em relação a infância. Manoel, mostra a incompreensão do adulto que não ouve a criança, considerando-a como ser incompetente e incompleto, que ainda não é e que precisa vir a ser, ignorando a capacidade da criança de estabelecer semelhanças.

Para o poeta, é nas nossas “raízes crianceiras” que está a chave para se compreender a criança e agir sobre sua história. É naquilo que o adulto considera desrazão e insensatez na criança que o poeta encontra sabedoria. Os cheiros da infância representam um dos sentidos das palavras. Manoel de Barros (2010) trata da sombra da criança que vai se projetando no adulto, como neste poema:

Remexo com um pedacinho de arame nas minhas memórias fósseis.
Tem por lá um menino a brincar no terreiro: entre conchas, osso de arara,
pedaços de pote, sabugos, asas de caçarolas etc.
E tem um carrinho de bruços no meio do terreiro.
O menino cangava dois sapos e os botava a puxar o carrinho.
Faz de conta que ele carregava areia e pedras no seu caminhão.
O menino também puxava, nos becos de sua aldeia, por um barbante sujo umas
latas tristes.
Era sempre um barbante sujo. Eram sempre umas latas tristes. O menino é hoje
um homem douto que trata com física quântica. Mas tem nostalgia das latas.
Tem saudades de puxar por um barbante sujo umas latas tristes.

Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem douto encomendou uma árvore torta – Para caber nos seus passarinhos. De tarde os passarinhos fazem árvore nele. (p. 340)

O poema faz referência a um homem cuja infância vivida com sensibilidade, criatividade e sentido se estendeu no adulto que não se desumanizou no encontro com a concretude das coisas do mundo. Faz testemunho, assim, de que a vida humana não é linha reta, mas um entrecruzamento de tempos.

Manoel de Barros vai romper com a língua padrão, com a norma culta, para fazer arte com o modo de falar da criança, considerado incorreto, articulando oralidade e escrita. Ele traz também, nos poemas, a indiferenciação que a criança faz entre as pessoas no seu discurso. “Uma palavra por outra, eis a fórmula da metáfora, e se sois poeta, produzireis, se fizerdes disso um jogo, um jato contínuo e até mesmo um tecido brilhante de metáforas” (Lacan, 2014, p. 238).

Poesia preenhe de sentidos, suaviza ao mesmo tempo em que expressa diligência da palavra. Impacta pela contradição, é convicta de afetações que, somente como um Peter Pan embarcando em terras do nunca, torna-se possível percorrê-la.

4 - POR MOTIVOS DE UM ENFINDAMENTO: *Conclusão Inacabada?*

Em virtude de protocolos acadêmicos, surge a necessária conclusão. Uma dúvida emergente, ao mesmo tempo, uma dívida consciente: como concluir um ensaio sempre em andamento, uma vida que continua trabalhando seus meados, quem sabe jamais lhe ocorrerá desejar chegar ao fim?

Da mesma forma, não há possibilidade de parar de se indagar, resvalando constantemente no prenúncio de um ideal – se pegarmos é apagamento, se largarmos, nunca terá existido. Então só me resta ser restante, deixar rastros daquela tentativa de escrever sobre os litorais entre a poesia e a psicanálise, que não foi alcançada. Com esses restos, Manoel é sabedor, eleva a grandes valias o trânsito do dissabor, pois não há como acabar, o que não começou a se falar. Tropeço incólume de divagações sobra como criança principiante, trançando palavras com pernas cambaleantes.

Corpo de sonho, estado de arte, estado de risco, pois sua emersão implica o abandono das garantias e referências do saber suposto. A poesia é como um rio, jamais se tocará na mesma água duas vezes, por isso a impressão de não caber por inteira nas afetações do leitor. O tempo é fragmentado, assim como a memória é seletiva e as lembranças brotam aletoriamente, sem aviso prévio. A poesia cria imagens como os sonhos, possibilita metáforas.

Então, escrever é isso! É exercício de descobertas. Descobriremos as formas como a escrita pode circular com mais liberdade por dentro de nosso psiquismo e com mais ousadia por entre os lugares onde transitamos. Abandonaremos a velha e cansada imagem da escrita como um fardo e a descobriremos, acima de tudo, como criação, invenção, descoberta e realização.

O pulsar de bases na construção de castelos de amor, será que é possível sonhar? Empresto um pouco de tinta para um arco-íris a se desenhar, vindo do imenso universo salpicado de estrelas. Pelos (des)caminhos, a escrita em outro enredo, transitando no sonho que já consigo desenhar dentro de mim, não evita resvalar no exagero dramático e sentimentalista. Daí o mundo fora de lugar ser comunicativo, não obstante algumas situações deslocadas.

No tecido da existência, cada momento é um ponto dado, e é ali, no traçado dessa agulha, que encontramos um espaço arrumado de vazio, saindo em busca de respostas e conclusões, abrimos conversa fiada para distrair a nós mesmos, adormecer a angústia, sem necessariamente encarar o necessário desamparo.

A partir dessas inquietações referentes ao desejo insatisfeito por excelência, convidei Manoel de Barros, a psicanálise freudolacanianiana e minhas póstumas paragens, para divagarem nos atravessamentos poéticos, como criança curiosa, apontando longe a novidade em ver tudo de novo, pela primeira vez. Os cabelos longos atrapalham um tanto a visão de ser ligeira nos passos, sem completar sua missão: cruzar por todo ladrilho, como se a rua fosse sua. Amando por cada instante aquele êxtase estonteante. Contando a quem ama, a lindeza de sua façanha. Alegria demais para catar a tempo o vento no espaço, e muita coisa a se ver enquanto não sabe o como conhecer. É água, é galinha, é chão, pedrinha, é muita beleza para transformar em sua. Ser “crianceira” dá um trabalho danado. Mostrar tudo de novo pela primeira vez! Só mesmo uma criança, de cada vez.

Para finalizar, desconhecendo as possibilidades, restando apenas à vista saber que esse escrito não acaba quando termina, deixo as palavras de Clarice (1943), em *Perto do coração selvagem*, definindo a ousadia em transcrever um corpo de sonho: é difícil como voar e sem apoio para os pés receber nos braços algo extremamente precioso, uma criança por exemplo.

5 – REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, G. (2005). *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BACHELARD, G. (1988). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.
- BACHELARD, G. (2013). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, M. (2010). *Poesia Completa*. São Paulo: Leya.
- BARROS, M. (1993). *O livro das ignoranças*. RJ e SP: Record.
- BENJAMIN, W. (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus.
- CHEMAMA, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Obras completas*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1907). Escritos Criativos e Devaneios. In: *Obras completas*. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1907). “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos. In: *Obras completas*. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1905). O chiste e sua relação com o inconsciente. In: *Obras completas*. V. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUTFREIND, C. (2014). *A Infância Através do Espelho: a criança no adulto, a literatura em psicanálise*. Porto Alegre: Artmed.
- HAUSEN, Denise. (2014). *Do escondido ao escancarado, uma leitura do feminino inspirada em Courbet*. Rev. CEPdePA, v. 21.
- JORGE, M. A. C. (2010). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia* Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar.
- KEHL, M. R. (2009). *O Tempo e o Cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Bomtempo.

- LACAN, J. (2010). *Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (2a. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2008). *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (2014). *Escritos*. São Paulo: Perspectiva .
- LACAN, J. (2008). *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LISBÔA, R. (2017). *Psicanálise, Criatividade e o Indizível da Experiência em Manoel de Barros*. Porto Alegre: Artes e Ecos.
- LISPECTOR, Clarice. (1964). *A paixão segundo G.H.* São Paulo: Rocco.
- LISPECTOR, Clarice. (1943). *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Rocco.
- MAE, H. V. (2014). *A desumanização* (1a. ed.) Cosac Naify.
- MEIRA, Ana Cláudia. (2016). *A escrita científica no divã: entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever*. Porto Alegre: Sulina.
- MILMANN, E. (2014). *Poética do Letramento: escrita, corpo e linguagem* (1a. ed.). São Paulo: Kuzuá,.
- MORAES, V. de., TOQUINHO. (1958). *O Poeta Aprendiz. Ilustrada por Adriana Calcanhoto*. (1a. ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PESSOA, F. (2006). *O livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras.
- POLI, Maria Cristina. *Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector*. Revista Psico. v. 40, n. 4, pp. 438-442, out./dez. 2009
- RILKE, Rainer Maria. (2009). *Cartas a um jovem poeta*. Trad: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM.